

A História Oculta do Verso Quarenta — Número Treze

Número Treze

Jeff Pippenger

2026-05-28

Como símbolo primário dos cento e quarenta e quatro mil, Pedro está em Panium em 2026, trabalhando para corrigir a falsa predição de 18 de julho de 2020. Sua obra, nesse aspecto, está em harmonia com a obra da correção de Josiah Litch acerca de 11 de agosto de 1840 e da identificação de 22 de outubro de 1844 por Samuel Snow. A correção de Litch fortaleceu a mensagem do primeiro anjo, e a de Snow fortaleceu a mensagem do segundo anjo. O fortalecimento das mensagens do primeiro e do segundo anjos tipifica o fortalecimento da mensagem do terceiro anjo. As características do primeiro e do segundo são representadas no terceiro como uma combinação de uma mensagem externa de ai e da mensagem interna do clamor da meia-noite da parábola das dez virgens.

Numa aplicação tríplice da profecia, a primeira e a terceira, que são também o princípio e o fim, possuirão características paralelas. Recentemente, um irmão descobriu várias verdades associadas ao primeiro ai de Apocalipse nove, as quais, quando aplicadas sob o princípio do Alfa e Ômega, identificam outra profunda confirmação do “terremoto” de Apocalipse onze. A lei dominical nos Estados Unidos é o “terremoto” que se cumpriu pela primeira vez na Revolução Francesa, quando a França, que era uma das dez nações que compunham a estrutura profética da Roma pagã no livro de Daniel, foi derrubada. Assim, o capítulo onze diz que uma décima parte da cidade caiu.

E, na mesma hora, houve um grande terremoto, e caiu a décima parte da cidade, e no terremoto foram mortos sete mil homens; e os restantes ficaram atemorizados e deram glória ao Deus do céu. Apocalipse 11:13.

Imediatamente após este versículo chega o islamismo do terceiro ai.

Passou o segundo ai; eis que o terceiro ai cedo vem. Apocalipse 11:14.

Os pioneiros esperavam que “o terceiro ai” se seguisse imediatamente ao segundo ai, mas a palavra traduzida como “depressa” significa súbita e inesperadamente, o que é a característica dos ataques-surpresa do islã. O terceiro ai não deveria chegar em 22 de outubro de 1844, como os pioneiros conjecturaram, mas, quando chegasse, aconteceria “súbita e inesperadamente”, como ocorreu em 11 de setembro, assinalando assim o início do selamento dos cento e quarenta e quatro mil, o qual termina pouco antes do terremoto da lei dominical.

O “terremoto” da lei dominical é o abalo da besta da “terra”, e, quando o 11 de Setembro ocorreu, a Irmã White identificou que o Senhor Se levantou para “sacudir terrivelmente a terra”. No início do selamento e no fim, a besta da terra é abalada, daí o “grande terremoto”.

“Isto eu nunca disse. Tenho dito, ao contemplar os grandes edifícios que se erguem ali, andar após andar: ‘Que cenas terríveis ocorrerão quando o Senhor Se levantar para abalar terrivelmente a terra! Então se cumprirão as palavras de Apocalipse 18:1–3.’” Review and Herald, 5 de julho de 1906.

O Senhor “Se levanta” quando há uma mudança em Sua obra dispensacional, como foi o caso quando Estêvão foi apedrejado e em 22 de outubro de 1844, quando o juízo dos mortos começou. Quando o juízo dos vivos teve início em 11/9, o Senhor novamente Se levantou, e então abalou a besta da terra, assim como o fará ao fim do selamento dos cento e quarenta e quatro mil, quando mudar Sua obra dispensacional de Sua igreja para Suas outras ovelhas, daquelas que ainda estão em Babilônia.

O que o irmão Daniel descobriu são as características do primeiro ai, que se harmonizam com o testemunho do “grande terremoto” do capítulo onze, em concordância com a história e com a compreensão dos pioneiros acerca da história que cumpriu o primeiro ai.

E o quinto anjo tocou a trombeta, e vi uma estrela cair do céu sobre a terra; e foi-lhe dada a chave do poço do abismo. E abriu o poço do abismo; e subiu fumaça do poço, como a fumaça de uma grande fornalha; e o sol e o ar escureceram por causa da fumaça do poço. E da fumaça saíram gafanhotos sobre a terra; e foi-lhes dado poder, como os escorpiões da terra têm poder. E foi-lhes ordenado que não fizessem dano à erva da terra, nem a qualquer coisa verde, nem a árvore alguma; mas somente aos homens que não têm o selo de Deus nas suas testas.
Apocalipse 9:1–4.

Os pioneiros aplicaram corretamente esses versículos à história que introduziu Maomé, o qual nasceu em 570, unificou as tribos em 606, recebeu sua primeira revelação em 610, migrou para Medina em 622, iniciou sua guerra em 624 e morreu em 632. O “abismo” representa profeticamente uma nova manifestação de Satanás, mas Maomé começou na Arábia, que também é conhecida como o abismo por causa dos vastos desertos.

Maomé tornou-se o rei profético, ou, como foi denominado, “o digno de confiança”, em 606, quando resolveu uma disputa entre as várias tribos que se encontravam em um dilema quanto a quem deveria ter permissão para recolocar a “rocha negra”, a pedra angular da Caaba. A Caaba é um edifício em forma de cubo (daí o nome “Caaba”, que significa “cubo” em árabe), localizado no centro da Grande Mesquita de Meca, na Arábia Saudita. Tem aproximadamente 43 pés de altura, onze pés de largura e 10 pés de comprimento, sendo construída de granito e mármore, com uma cobertura de tecido negro de seda e algodão. A Caaba existia muito antes de Maomé e, segundo a tradição islâmica, foi originalmente construída por Abraão e seu filho Ismael como uma casa de adoração ao Deus Único (Alá). Ao longo dos séculos, encheu-se de ídolos e foi utilizada como um santuário pagão pelas tribos árabes.

A Caaba é o centro espiritual do mundo islâmico — uma construção simples e antiga que simboliza o monoteísmo, a unidade e a conexão entre a fé abraâmica e o islamismo. Os muçulmanos não a consideram a “casa de Deus” em sentido literal, mas, antes, um ponto focal para o culto divinamente designado. As ações de Maomé durante um período em que a Caaba havia sido

destruída e então reconstruída são o ponto em que sua liderança teve início.

Uma inundação repentina danificou a Caaba, e a tribo dos coraixitas a reconstruiu. Quando chegou o momento de recolocar a Pedra Negra (Hajar al-Aswad) em seu canto, os diferentes clãs disputaram entre si quem deveria ter essa honra. Concordaram que a próxima pessoa a entrar no local decidiria. Muhammad entrou, e resolveu a disputa com sabedoria: colocou a Pedra Negra sobre um pano, fez com que um representante de cada clã a erguesse em conjunto, transportando-a juntos, e então ele mesmo a colocou em seu lugar. Esse acontecimento lhe granjeou grande respeito e o título Al-Amin (“o Confiável”) entre o povo de Meca. Trata-se de um dos principais acontecimentos pré-proféticos destacados em muitas cronologias. A “Pedra Negra” era a pedra angular que foi colocada por Mohammed, que é o rei profético sobre o islamismo. A pedra angular negra é uma contrafação óbvia de Cristo (a verdadeira pedra angular), e a corrupção da casa da Caaba, após anos da introdução de ídolos, também foi resolvida por Mohammed.

Depois que os coraixitas romperam o Tratado de Hudaybiyyah, Maomé marchou sobre Meca com um exército de cerca de 10.000 muçulmanos. A cidade se rendeu com pouquíssimo combate. Maomé então entrou na Caaba, destruiu os 360 ídolos que havia em seu interior e rededicou o santuário à adoração do único Deus (Alá). Assim, Maomé, o rei do islamismo, lançou a pedra angular e purificou o templo da idolatria.

Há três poderes que procedem do abismo no livro do Apocalipse, e cada um dos três representa um Cristo falsificado. Satanás, o dragão, procura ser como o Altíssimo, assentado em Seu trono e em Sua igreja.

Como caíste do céu, ó Lúcifer, filho da manhã! Como foste lançado por terra, tu que debilitavas as nações! E tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu, acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono; e no monte da congregação me assentarei, nas extremidades do norte; subirei acima das alturas das nuvens; serei semelhante ao Altíssimo. Contudo, serás precipitado no inferno, ao mais profundo do abismo. Isaías 14:12–15.

O dragão do ateísmo saiu do poço do abismo em Apocalipse onze, e a besta do catolicismo sobe do poço do abismo quando sua chaga mortal é curada.

A besta que viste era, e já não é; e há de subir do abismo, e irá à perdição; e os que habitam sobre a terra se admirarão, aqueles cujos nomes não foram escritos no livro da vida desde a fundação do mundo, quando virem a besta que era, e já não é, e contudo é. Apocalipse 17:8.

A besta do catolicismo ascende ao trono da terra na lei dominical, quando a união tríplice é estabelecida. Semelhante ao dragão, o catolicismo pretende ser Deus, como Paulo tão apropriadamente identificou.

Ninguém de modo algum vos engane; porque aquele dia não virá sem que primeiro venha a apostasia, e seja revelado o homem do pecado, o filho da perdição; o qual se opõe e se exalta acima de tudo o que se chama Deus, ou é objeto de culto; de sorte que, como Deus, se assenta no templo de Deus, mostrando-se a si mesmo como Deus. 2 Tessalonicenses 2:3, 4.

Como o dragão, a besta do catolicismo é anticristo; ambos professam ser Deus, e ambos têm sua destruição final associada ao seu testemunho bíblico, pois o dragão é lançado no inferno, e a besta é o filho da perdição. Perdição sendo destruição final.

“A determinação do anticristo de levar a efeito a rebelião que iniciou no céu continuará a operar nos filhos da desobediência.” Testimonies, volume 9, 230.

“Por meio do papa de Roma, a mesma obra tem sido levada avante aqui na terra como foi levada avante nas cortes do céu antes da expulsão do príncipe das trevas. Satanás procurou corrigir a lei de Deus no céu e apresentar uma emenda de sua própria lavra. Exaltou o seu próprio juízo acima do de seu Criador e colocou a sua vontade acima da vontade de Jeová e, dessa maneira, virtualmente declarou ser Deus falível. O papa também segue o mesmo curso e, reivindicando infalibilidade para si mesmo, procura ajustar a lei de Deus para conformá-la às suas próprias ideias, julgando-se capaz de corrigir os erros que pensa ver nos estatutos e mandamentos do Senhor do céu e da terra. Ele virtualmente diz ao mundo: Eu vos darei leis melhores do que as de Jeová. Que insulto é este ao Deus do céu!” Signs of the Times, 19 de novembro de 1894.

O islamismo, representado por Maomé na história do sétimo século, também saiu do poço do abismo quando a chave que foi dada a Maomé foi girada. Quando o poço foi aberto, saiu “fumaça” que escureceu o sol e o ar. Os pioneiros identificaram corretamente que a “chave” que abriu o poço foi a batalha de Nínive.

Quando nos aproximamos dos três primeiros versículos de Apocalipse capítulo nove a partir da compreensão pioneira no contexto de uma aplicação tríplice da profecia, encontramos as características proféticas daqueles versículos que representam o primeiro ai, as quais tipificam as características proféticas do terceiro ai, que chega “sem demora” no grande terremoto. A lei dominical é representada pela batalha de Nínive.

Pedro é responsável por corrigir a falsa predição das bolas de fogo de Nashville, e reconhece que a aplicação correta da advertência de Ellen White acerca de bolas de fogo sobre Nashville assinala o início de “a destruição de milhares de cidades quase totalmente entregues à idolatria.”

As bolas de fogo de Nashville assinalam o início de um período de destruição sobre as cidades, e também assinalam o início da proclamação da breve mensagem do clamor da meia-noite. Essa mensagem começa com um ataque inesperado do islamismo, e o período termina com um ataque inesperado do islamismo no grande terremoto. O período da proclamação do clamor da meia-noite assinala o fim do tempo do selamento dos cento e quarenta e quatro mil, o qual começou com o ataque inesperado do islamismo em 11 de setembro.

O selamento dos cento e quarenta e quatro mil então começou em conformidade com a linha de Balaão e da jumenta, na qual há três golpes que culminam na lei dominical, mas em que o segundo ataque inesperado inclui 7 de outubro de 2023 sobre a antiga terra gloriosa e, em seguida, nas bolas de fogo de Nashville. Todas as linhas concordam, e Pedro compreende que o desvelamento dessas verdades, que são representadas como o homem da escova de sujeira recolhendo as joias espalhadas e lançando-as no escrínio, é a obra do Leão da tribo de Judá.

O Leão de Judá identifica a mensagem corrigida de Peter de Nashville como ocorrendo no período final da selagem dos cento e quarenta e quatro mil, o qual é representado na história oculta do versículo quarenta de Daniel onze, e, mais especificamente, na porção dessa história oculta representada nos versículos onze a quinze do mesmo capítulo. Nesses versículos, a batalha de Ráfia e a batalha de Pânio conduzem à lei dominical do versículo dezesseis, a qual é representada pela batalha de Áccio. Quando a batalha de Pânio se une à batalha de Áccio na lei dominical, a batalha de Nínive também se repete.

A “chave” dada a Maomé, o rei do Islã, cujo nome não é apenas o caráter do Islã, mas também o lugar da destruição assinalado pela batalha de Nínive. O nome do rei “em hebreu é Abadom”, e “em grego tem por nome Apoliom”. O grego e o hebraico enfatizam o Antigo e o Novo Testamentos e nos instruem que Abadom significa “o lugar da destruição” e Apoliom significa “o destruidor”. No versículo onze de Apocalipse nove, o rei sobre o Islã é Maomé, mas é também o “anjo do abismo”, que é Satanás. Assim como o papa é o anticristo como o braço direito de Satanás na terra, Maomé também é diretamente controlado por Satanás, o anjo do abismo.

Na lei dominical, a tríplice união é imposta ao mundo, e a ferida mortal que foi desferida ao papado em 1798, assinalando assim o fim da Idade das Trevas, é curada. Quando a ferida mortal é curada, chega o segundo período da Idade das Trevas, e, no grande terremoto que é a lei dominical, o Islã gira a chave, e a fumaça, como a de uma fornalha, escurece o sol e as estrelas, à medida que as trevas retornam. A batalha de Nínive repete-se na lei dominical, pois ela é a chave que traz o segundo período de trevas. Ali, a apostasia nacional é seguida de ruína nacional. Ali, o “despotismo ativo” exerce pleno domínio, pois a fumaça do Islã, que escurece o sol e as estrelas na batalha de Nínive, é como a de uma fornalha ardente. A “fornalha ardente” foi um elemento da aliança de Deus com Abraão.

E aconteceu que, posto o sol, e havendo escuridão, eis um forno fumegante e uma tocha de fogo, que passou por entre aquelas metades. Gênesis 15:17.

A fornalha fumegante que passou por entre as ofertas da aliança de Abrão identificava a servidão no Egito representada na passagem do versículo treze.

E disse a Abrão: Sabe, com certeza, que a tua descendência será peregrina em terra alheia, e os servirá; e eles a afligirão por quatrocentos anos. Gênesis 15:13.

Uma “fornalha ardente”, como a fornalha de Nabucodonosor no capítulo três de Daniel, representa servidão e escravidão, tal como era a condição de Sadraque, Mesaque e Abednego.

“Mas, como as estrelas no vasto circuito de sua trajetória determinada, os propósitos de Deus não conhecem nem pressa nem demora. Pelos símbolos da grande escuridão e do forno fumegante, Deus revelara a Abraão a servidão de Israel no Egito e declarara que o tempo de sua peregrinação seria de quatrocentos anos. “Depois”, disse Ele, “sairão com grandes riquezas.” Gênesis 15:14.” O Desejado de Todas as Nações, 33.

Mas o Senhor vos tomou e vos tirou da fornalha de ferro, isto é, do Egito, para que lhe fôsseis por povo de herança, como hoje se vê. Deuteronômio 4:20.

A fumaça que escurece o sol e a lua quando a chave da batalha de Nínive é acionada identifica a perseguição que começa para valer na lei dominical. A perseguição da Idade das Trevas, então, repete-se. Os pioneiros corretamente identificaram que a batalha de Nínive era a “chave” que introduziu o islamismo na história profética como o primeiro ai, em 627. A batalha foi entre Roma e a Pérsia, e representou uma vitória para Roma, mas foi o que se chama de uma vitória de Pirro. Uma vitória que, na realidade, é prejudicial ao vencedor. A expressão provém de uma vitória do rei Pirro de Epiro. Depois de duas batalhas contra os romanos (Heracleia em 280 a.C. e Ásculo em 279 a.C.), ele derrotou o exército romano, mas perdeu uma enorme porção de suas próprias tropas. Segundo a lenda, ele então disse: “Mais uma vitória como esta, e estamos perdidos.”

A batalha de Nínive foi uma vitória estratégica para Roma, mas, quando terminou, nem Roma nem a Pérsia tinham o poder para, depois disso, resistir eficazmente ao assalto do Islã. A Pérsia é os Estados Unidos, e Roma é o papado, no cumprimento moderno da batalha de Nínive. A Medo-Pérsia, como poder de dois chifres, representa o poder de dois chifres dos Estados Unidos. Na lei dominical, os Estados Unidos são simplesmente um só chifre, pois, no processo que conduz à lei dominical, a imagem da besta já foi formada, e essa formação consiste em combinar ambos os chifres em um só. Em Daniel oito, há dois chifres que representam o Império Medo-Persa, e o chifre persa surgiu por último.

Então levantei os meus olhos, e vi, e eis que diante do rio estava um carneiro que tinha dois chifres; e os dois chifres eram altos; porém um era mais alto do que o outro, e o mais alto surgiu por último. Daniel 8:3.

Os dois chifres dos Estados Unidos, o Republicanismo e o Protestantismo, unem-se em um só quando a igreja e o Estado se juntam para formar a imagem da besta. Essa formação se consuma plenamente quando a marca da besta é imposta na lei dominical. Isso identifica os Estados Unidos simplesmente como a Pérsia na lei dominical. A Pérsia foi derrotada por Roma na batalha de Nínive. A maneira como Roma derrotou a Pérsia é de importância histórica, por causa das manobras de Heráclio, o imperador romano.

Em termos simples, Heráclio executou um ataque de surpresa, em contraste com um ataque frontal de avanço direto. Seus esforços para concretizar essa surpresa estão registrados na história. A surpresa incluiu sua decisão de atacar no inverno, o que era incomum naqueles tempos históricos, mas não se limitou a isso. Heráclio iniciou sua invasão em meados de setembro de 627, vindo do norte (terras altas da Armênia). Em vez de seguir a rota esperada para o sul, diretamente em direção à capital persa, Ctesifonte, ele descreveu um amplo arco, avançando para sudeste ao longo das regiões fronteiriças (aproximadamente a atual fronteira entre Turquia e Irã). Em seguida, voltou-se para o sul e para o oeste, atravessando o rio Grande Zab em 1º de dezembro de 627. Isso colocou seu exército no planalto de Nínive (margem oriental do rio Tigre), perto das ruínas da antiga Nínive. Esse movimento deu-se de sul para norte em relação às forças persas — o oposto do que os persas antecipavam. Eles esperavam que ele continuasse avançando para o sul em direção a Ctesifonte. Isso apanhou de surpresa o comandante persa Rhahzadh e o forçou a perseguir Heráclio em terreno desfavorável. Permitiu aos romanos escolher o campo de batalha nas planícies próximas de Nínive. A manobra impediu que os romanos ficassem encurralados entre as forças

persas e lhes deu uma rota de escape, se necessário. Combinada com a neblina no dia da batalha e com uma tática de retirada simulada durante o combate propriamente dito, houve múltiplas camadas de surpresa. Essa ousada invasão de inverno e essa rota de flanqueamento em profundidade no território persa são consideradas uma das maiores realizações militares de Heráclio. Isso ajudou a abalar a confiança persa e contribuiu fortemente para a eventual vitória romana na longa guerra.

“Na batalha de Nínive, que foi travada com ferocidade desde o romper do dia até à undécima hora, vinte e oito estandartes, além daqueles que puderam ser quebrados ou rasgados, foram tomados aos persas; a maior parte do seu exército foi reduzida em pedaços, e os vencedores (os romanos), ocultando as suas próprias perdas, passaram a noite no campo de batalha. As cidades e os palácios da Assíria foram abertos pela primeira vez aos romanos.

“O imperador romano não foi fortalecido pelas conquistas que alcançou; e, ao mesmo tempo, e pelos mesmos meios, foi preparado um caminho para as multidões de sarracenos da Arábia, como gafanhotos da mesma região, os quais, propagando em seu curso o tenebroso e ilusório credo maometano, rapidamente se espalharam tanto pelo império persa como pelo império romano.

“Não se poderia desejar ilustração mais completa deste fato do que a fornecida nas palavras conclusivas do capítulo de Gibbon, de onde são extraídos os trechos precedentes. ‘Embora se houvesse formado um exército vitorioso sob o estandarte de Heráclio, o esforço antinatural parece ter antes exaurido do que exercitado as suas forças. Enquanto o imperador triunfava em Constantinopla ou Jerusalém, uma obscura cidade nos confins da Síria foi saqueada pelos sarracenos, e eles despedaçaram algumas tropas que avançaram em seu socorro,—ocorrência comum e insignificante, não fora ela o prelúdio de uma poderosa revolução. Esses ladrões eram os apóstolos de Maomé; o seu valor frenético havia emergido do deserto; e, nos últimos oito anos de seu reinado, Heráclio perdeu para os árabes as mesmas províncias que resgatara dos persas.’”

“‘O espírito de fraude e entusiasmo, cuja morada não é nos céus’, foi solto sobre a terra. O poço do abismo precisava apenas de uma chave para ser aberto, e essa chave foi a queda de Cosroes. Ele havia rasgado com desprezo a carta de um obscuro cidadão de Meca. Mas, quando de seu ‘fulgor de glória’ afundou na ‘torre de trevas’ que nenhum olho podia penetrar, o nome de Cosroes estava subitamente destinado a cair no esquecimento diante do de Maomé; e o crescente parecia apenas aguardar seu surgimento até a queda da estrela. Cosroes, após sua completa derrota e a perda do império, foi assassinado no ano 628; e o ano 629 é assinalado pela ‘conquista da Arábia’ e pela ‘primeira guerra dos maometanos contra o império romano’. ‘E tocou a quinta trombeta, e vi uma estrela cair do céu na terra; e foi-lhe dada a chave do poço do abismo. E abriu o poço do abismo.’ Ele caiu na terra. Quando a força do império romano se achava exaurida, e o grande rei do Oriente jazia morto em sua torre de trevas, o saque de uma obscura cidade nas fronteiras da Síria foi ‘o prelúdio de uma poderosa revolução’. ‘Os salteadores eram os apóstolos de Maomé, e seu valor frenético surgiu do deserto.’” Uriah Smith, Daniel e o Apocalipse, 495–497.

A batalha de Nínive representa a Roma moderna conquistando os Estados Unidos por ocasião da lei dominical, mas trata-se de uma vitória de Pirro, pois um juízo progressivo sobre Roma tem início na lei dominical.

Cosroes era o cabeça do império persa; assim, a Pérsia, representando a queda dos Estados Unidos na lei dominical, é a chave que abre o poço do abismo na queda do sexto reino da profecia bíblica. Ela representa a lei dominical dos versículos dezesseis, trinta e um e quarenta e um de Daniel onze, bem como de Apocalipse treze, versículo onze.

Observe os comentários do pioneiro Stephen Haskell sobre os mesmos versículos e a mesma história:

“Os árabes, ou os sarracenos, jamais haviam exercido qualquer influência na terra. Na história das nações, esses homens livres do deserto haviam passado quase sem serem notados. O maometanismo uniu as tribos dispersas e as lançou como conquistadoras das nações. O rápido progresso que acompanhou as armas sarracenas deveu-se, em grande medida, ao conflito entre os romanos e Cosroes, o chefe do moderno império persa. Esse conflito resultou na queda deste último. A Pérsia moderna havia permanecido como uma muralha de barreira, mantendo sob controle o poder de Maomé; mas, quando esse poder caiu, a barreira desapareceu, o ‘poço do abismo’ abriu-se, e os sarracenos inundaram o mundo. Quando o ‘poço do abismo se abriu, elevou-se uma fumaça que ocultou a face do sol’. A figura é vigorosa, representando o efeito entenebrecedor do maometanismo, à medida que se espalhava pela face da terra.” Stephen Haskell, *The Story of the Seer of Patmos*, 164, 165.

Aquela parede de barreira na história de Roma é o muro de separação entre igreja e Estado que é removido na lei dominical. Há outra camada para a vitória pírrica de Roma sobre a Pérsia na batalha de Nínive, pois houve uma batalha anterior de Nínive, representando um Alfa, e a batalha de 627 representando o Ômega. A batalha ocorreu em 612 a.C., aproximadamente mil e duzentos anos de intervalo. Nessa batalha, a Assíria foi derrotada por uma confederação tríplice, e isso assinalou o fim do Império Assírio.

A. T. Jones comenta sobre a batalha alfa de Nínive:

“Os negócios do governo da Assíria foram de mal a pior, de modo que, em 612 a.C., houve outra grande revolta por parte dos mesmos três países, liderada desta vez pelo próprio Nabopolassar. Esta foi completamente bem-sucedida: Nínive foi reduzida a um montão de ruínas; e o Império Assírio foi dividido em três grandes porções,—a Média, ficando com o nordeste e o extremo norte; a Babilônia, ficando com Elão e toda a planície e os vales do Eufrates e do Tigre; e o Egito, ficando com toda a região a oeste do Eufrates. O selo desta aliança entre a Babilônia e a Média foi o casamento da filha do rei da Média com Nabucodonosor, filho de Nabopolassar. Foi no cumprimento de sua parte na aliança contra a Assíria, que Faraó-Neco, rei do Egito, subiu contra o rei da Assíria, para pelear contra Carquemis, junto ao Eufrates, quando o rei Josias, de Judá, saiu para pelear contra ele, e foi morto em Megido. Então, visto que todo este território ocidental pertencia ao rei do Egito, foi no exercício de sua legítima soberania, adquirida por conquista, que ele depôs Salum, filho de Josias, de ser rei de Judá, e constituiu Eliaquim rei de Judá em seu lugar, mudando-lhe o nome

para Jeoaquim, e impôs um tributo sobre a terra.” 1 Crônicas 3:15; 2 Reis 23:31–35.” A. T. Jones, Review and Herald, 15 de março de 1898.

Na batalha alfa de Nínive, em 612 a.C., o Império Assírio chegou ao fim, assim como o sexto reino da profecia bíblica chega ao fim na lei dominical. O vencedor da batalha foi uma união tríplice de Babilônia, Egito e Média. Na guerra daquele período, o rei Josias morre em Megido, tipificando assim o Armagedom. Na batalha ômega de Nínive, em 627, o islamismo do terceiro ai é solto quando o muro de proteção na Constituição é removido, conforme tipificado, como Haskell observou acerca da Pérsia como a “muralha de barreira” de proteção sendo removida com a derrota da Pérsia. A morte do rei Josias em Megido identifica a primeira batalha de Nínive como sendo a segunda batalha nos últimos dias. A última das duas batalhas de Nínive, em 627, quando a chave é girada e o poço é aberto, é a primeira nos últimos dias, pois os primeiros serão os últimos. A primeira batalha de Nínive, entre a Assíria e a união tríplice, conduz ao Armagedom. O período da segunda Idade das Trevas começa com a batalha de Nínive e termina com a batalha de Nínive.

Os fatos da quinta trombeta, que é o primeiro ai de Apocalipse capítulo nove, são aquilo que os pioneiros entendiam ser o testemunho histórico mais claro de qualquer passagem no livro de Apocalipse. Uriah Smith expressa esse fato da seguinte maneira:

““VERSÍCULO 1. E o quinto anjo tocou a trombeta, e vi uma estrela cair do céu sobre a terra; e foi-lhe dada a chave do poço do abismo.””

“Para uma exposição desta trombeta, recorreremos novamente aos escritos do Sr. Keith. Este autor afirma com veracidade: ‘Há dificilmente qualquer outra parte do Apocalipse acerca de cuja aplicação exista acordo tão uniforme entre os intérpretes como no que respeita à aplicação da quinta e da sexta trombetas, ou do primeiro e do segundo ais, aos sarracenos e aos turcos. É algo tão evidente que dificilmente pode ser mal compreendido. Em vez de um ou dois versículos designarem cada um deles, todo o nono capítulo do Apocalipse, em porções iguais, é ocupado com uma descrição de ambos.’” Uriah Smith, Daniel e o Apocalipse, 495.

Pedro está em Pânio com a responsabilidade de corrigir a mensagem das bolas de fogo de Nashville, e vê-se pela primeira vez que os elementos do primeiro ai se alinham perfeitamente com os elementos da lei dominical que em breve virá. O Leão da tribo de Judá descerrou este entendimento em concordância com outras linhas de profecia que Ele já havia posto em lugar. Os historiadores darão testemunho da importância do ataque de surpresa realizado por Roma contra os persas em 627, e, ao fazê-lo, observaram a manobra de Heráclio ao redor e por trás da Pérsia no tempo do inverno como um estratagema para manter-se oculto até o momento do ataque.

A irmã White nos informa que Roma está simplesmente à espera de uma “posição vantajosa”, e então desferirá o golpe.

“A palavra de Deus advertiu acerca do perigo iminente; se esta advertência não for atendida, o mundo protestante aprenderá quais são realmente os desígnios de Roma somente quando for demasiado tarde para escapar do laço. Ela está silenciosamente crescendo em poder. Suas doutrinas estão exercendo sua influência nos recintos legislativos, nas igrejas e no coração dos homens. Ela está erguendo suas estruturas altivas e maciças, em cujos recessos secretos suas

perseguições anteriores serão repetidas. Furtiva e despercebidamente, ela está fortalecendo suas forças para promover seus próprios fins, quando chegar o tempo de desferir o golpe. Tudo o que ela deseja é uma posição vantajosa, e isto já lhe está sendo dado. Em breve veremos e sentiremos qual é o propósito do elemento romano. Quem quer que creia e obedeça à palavra de Deus incorrerá, por isso mesmo, em opróbrio e perseguição.” The Great Controversy, 581.

Assim como com o Imperador Heráclio, o papado tem avançado em direção ao seu objetivo “furtiva e inesperadamente”, em cumprimento de Isaías capítulo vinte e três, onde a prostituta de Tiro é esquecida na história do sexto reino da profecia bíblica. O ataque secreto e de surpresa de Heráclio é o mundo esquecendo-se do papado desde 1798 até a lei dominical. Regra sobre regra, o primeiro ai representa o terceiro e último ai. No primeiro ai, faz-se uma proclamação que também se harmoniza com a história do islamismo e com o período do selamento dos cento e quarenta e quatro mil.

E foi-lhes ordenado que não causassem dano à erva da terra, nem a coisa verde alguma, nem a árvore alguma; mas somente àqueles homens que não têm o selo de Deus nas suas testas. E foi-lhes dado, não que os matassem, mas que fossem atormentados por cinco meses; e o seu tormento era como o tormento do escorpião, quando fere o homem. E, naqueles dias, os homens buscarão a morte e não a acharão; também desejaram morrer, e a morte fugirá deles. Apocalipse 9:4–6.

Antes que a chave seja girada na batalha de Nínive, que é a lei dominical prestes a vir, os cento e quarenta e quatro mil já estão selados. Na lei dominical, a destruição das cidades, que é iniciada com as bolas de fogo de Nashville, é representada como um período de “cinco meses”, quando a guerra assola e o segundo banho de sangue papal é iniciado em cumprimento da resposta dada aos mártires da Idade das Trevas no quinto selo.

E, havendo ele aberto o quinto selo, vi debaixo do altar as almas dos que foram mortos por amor da palavra de Deus e por amor do testemunho que sustentavam. E clamavam com grande voz, dizendo: Até quando, ó Senhor, santo e verdadeiro, não julgas nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra? E foram dadas a cada um deles vestes brancas; e foi-lhes dito que repousassem ainda por um pouco de tempo, até que também se completasse o número dos seus conservos e seus irmãos, que haviam de ser mortos como eles foram. Apocalipse 6:9–11.

Os mártires da Idade das Trevas são o primeiro grupo que tipifica os mártires da Roma Moderna durante a crise da lei dominical. Antes que essa crise chegue, os cento e quarenta e quatro mil são selados, e esse processo de selamento começou em 11 de setembro com a chegada do Islã do terceiro ai e a aspersão da chuva serôdia. Quando os mártires da primeira Idade das Trevas perguntaram quando o papado seria julgado, foi-lhes dito que haveria um segundo grupo de mártires quando a Idade das Trevas se repetisse, o que ocorre quando a chave da batalha de Nínive se cumpre na lei dominical prestes a chegar. Antes que o segundo grupo de mártires se complete, os cento e quarenta e quatro mil são selados, e o período do selamento que começou em 11 de setembro é identificado no quinto selo, pois o diálogo ali apresentado se encontra em Apocalipse capítulo seis, versículos NOVE até ONZE, assinalando assim o início e o fim do selamento com 9/11. O fim introduz a destruição do Islã, conforme apresentado em Apocalipse NOVE, ONZE, e

aqueles que forem selados terão cumprido a experiência de Daniel representada em Daniel NOVE, ONZE.

Continuaremos estas coisas no próximo artigo.